

QUAL A MEDIDA “CERTA” DO CORPO? O DISCURSO CIENTÍFICO MUDIÁTICO E A ESTÉTICA DOS CORPOS

WHAT IS THE “PROPER” MEASURE BODY? OF THE SPEECH OF SCIENCE AND THE MEDIA ON THE BEAUTY OF BODIES

Lilliane Miranda Freitas¹

1 Instituto de Estudos Costeiros / Universidade Federal do Pará/ lilliane@ufpa.br

Silvia Nogueira Chaves²

2 Instituto de Educação Matemática e Científica / Universidade Federal do Pará / schaves@ufpa.br

Resumo

Neste estudo investigamos matérias da Revista *Superinteressante* com objetivo de analisar como os discursos biológicos definem uma estética correta do corpo e seus desdobramentos sociais. Analisamos esta problemática a partir das teorizações de Michel Foucault e dos Estudos Culturais examinando a articulação saber/poder presentes na produção de subjetividades pela pedagogia cultural da mídia e nos discursos biológicos. Dentre os resultados da investigação, destacamos que o discurso biológico e midiático tem sugerido formas estéticas naturais que tacitamente instituem padrões a serem seguidos, pautados como normais, gerando uma corrida social para alcançar a medida certa do corpo. Consideramos que a estética “melhor” não é dada pelo aparato biológico, mas sim por instâncias culturais, que elegem arbitrariamente um padrão a partir do qual todas as formas corporais serão valoradas. Compreender os efeitos que a mídia provoca através do discurso biológico é um dos desafios que se coloca à área de Educação em Ciências.

Palavras-chave: Divulgação científica, Pedagogia cultural da mídia, Produção cultural do corpo.

Abstract

We investigated the Journal *Superinteressante* materials in order to analyze how discourses define a biological correct body aesthetics and its social ramifications. We analyze this problem from the theories of Michel Foucault and Cultural Studies examining the joint power / knowledge present in the production of subjectivities by cultural pedagogy and the discourse of biological media. Among the research findings, we emphasize that the biological discourse and media have suggested that natural aesthetic forms tacitly establishing standards to be followed, graded as normal, creating a social race to reach the right measure of the body. We believe that the aesthetic "better" is not given by the biological apparatus, but by cultural bodies that elect an arbitrary standard against which all body shapes are valued. Understanding the effects that the media causes through biological discourse is one of the challenges facing the area of Science Education.

Keywords: Scientific, Cultural media pedagogy, Cultural production of the body.

Introdução

O processo de normalização em relação aos corpos é a forma mais sutil de como o poder¹ se manifesta na relação de produção de diferença e identidade. Segundo Silva (2000) o poder que a identidade normal carrega é tão forte que ela é sinalizada como *a* identidade e todas as demais identidades serão diferentes, ou ainda, *anormais* (COSTA, 2005), por isso, a classificação da diferença é o motor do processo de fabricação identitária. Dessa forma, a subjetivação implica imposição de normas através de categorizações e na imposição de leis de verdade, estabelecendo aos indivíduos regras de condutas que dirigem seu modo de conduzir-se. A padronização e a valorização da **norma** em relação a estética dos corpos dos indivíduos é um processo que acontece no campo da cultura que, imbricado em relações de poder, age como regulador e organizador das práticas sociais (WOODWARD, 2000; COSTA, 2005).

Nessa perspectiva, torna-se relevante tornar os discursos biológicos alvo de questionamento, pois as descrições científicas naturalizam características, produzindo discursivamente diferença assim como identidades. A naturalização de identidades através de “verdades” biológicas é uma das formas pelas quais as reivindicações essencialistas podem fundamentar identidades como fixas e imutáveis (WOODWARD, 2000).

Nesse processo a mídia age como um forte e poderoso instrumento de subjetivação pela maneira com a qual interpela e desse modo cria, através do discurso², modos de ser e agir no mundo, estabelecendo identidades estabilizadas, normalizadas. A partir desse entendimento, consideramos a mídia como um dispositivo pedagógico, chamado dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, de pedagogia cultural, uma vez que ela nos ensina alguma coisa, pois nos transmite uma variedade de formas de conhecimento que são vitais na formação da identidade e da subjetividade (SILVA, 1999). Assim, as pedagogias culturais, produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; subjetivam, fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder. Elas indicam modos de proceder e constroem verdades através de múltiplas estratégias, nelas o poder é organizado e difundido em relações sociais assimétricas.

Essa eficácia pedagógica para produzir comportamentos, desejos, isto é, sua performatividade, se afirmará através de incessante repetição dos discursos (SILVA, 2000). Assim, quanto mais a mídia põe em circulação os conhecimentos a cerca do corpo como simples “informações”, neste caso informações científicas, tanto mais os discursos por ela veiculados parecerão verdadeiros e se tornarão hegemônicos, logo, essas “verdades” serão vitais na subjetivação, produzindo identidades, modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo (ANDRADE, 2004). Nessa direção, as revistas como parte dos meios de comunicação são dispositivos pedagógicos não só por que são utilizadas na escola como recurso pedagógico, mas por serem elas próprias pedagogias, ao participarem na composição da visão de mundo das pessoas, formando conceitos, que estruturam percepções, comportamentos e compreensões.

¹ Pelo viés foucaultiano, o poder atravessa capilarmente todo o corpo social. O poder é tomado como produtivo, naquilo que ele é capaz de produzir em termos de efeitos. Funciona como uma rede de estratégias e saberes, nenhum poder se exerce sem a apropriação, distribuição e retenção de um saber (FOUCAULT, 2008a).

² Segundo Foucault, o discurso é um conjunto de regras da prática discursiva, engendrada em condições que possibilitam sua existência, condições estas dadas em arenas de lutas, em relações de poder. Ele faz *mais* do que apenas designar coisas, o discurso define uma “realidade”, produz os objetos de que fala (FOUCAULT, 2008).

Ancoradas na compreensão de que a mídia atua como uma pedagogia cultural, direcionamos nosso olhar para revistas de divulgação científica para iniciar a seleção das fontes de investigação com o objetivo de discutir como os discursos biológicos operam na construção de padrões estéticos corporais a partir de discursos biológicos veiculados pela divulgação científica.

Analisando a estética do corpo inscrita pelo discurso biológico na pedagogia cultural

Para efeito de análise desse estudo escolhemos como pedagogia cultural e fonte de investigação a Revista *Superinteressante* (Editora Abril) – edições do ano de 2008 – para analisarmos discursos que anunciam uma estética ‘correta’ do corpo, através do campo de saber que os definem – o biológico – contemplando os efeitos sociais dessas descrições. Como critério de seleção das reportagens, buscamos matérias que se utilizassem argumentos biológicos para descrever, explicar e definir qual a melhor forma de estética corporal, tornando essas formas naturais. Dentre as reportagens analisadas, as matérias selecionadas para análise foram “*Par perfeito*” (Edição 258. Nov. 2008), “*Engordar pecar sofrer*” (Edição 256. Set. 2008), “*Cuidado: barriga pode causar demência*” (Edição 253. Jun. 2008).

A partir da análise dessas matérias buscamos problematizar como essa rede discursiva, supostamente natural, constitui nossa subjetividade, fixando identidades ancoradas em justificativas biológicas, que são utilizadas por cientistas e jornalistas de forma supostamente isenta de forças sociais, culturais, políticas, econômicas, tomados como meras descrições, explicações, conhecimento. Os discursos veiculados pela revista não são simplesmente um conjunto de signos que entrecruzam objetos e palavras, mas ele modela práticas sociais ao produzir os objetos de que fala, ele produz uma “realidade” que é engendrada em arenas de lutas, pois o discurso é atravessado pelo poder (FOUCAULT, 2008).

Ao analisarmos matérias como: “*A equação do ciúme*”, que trata com humor uma pesquisa que relaciona altura e ciúme masculino; a reportagem “*Par perfeito*” que traz explicações sobre como as pessoas escolhem seus parceiros para relações amorosas e os aspectos que as influenciam; e a reportagem “*Engordar pecar sofrer*”, vimos sobressair a importância dada à estética dos corpos pelo discurso biológico, e como este legitima e valoriza determinados atributos físicos usando apelos biológicos:

“*Cientistas europeus descobriam uma relação curiosa: quanto mais baixinho você é, mais ciumento tende a ser. À luz da evolução, até que isso faz sentido. Como as mulheres tendem a dar preferência a homens mais altos, só os baixinhos mais noitados teriam sido capazes de se reproduzir*” (“*A equação do ciúme*”, mai/2008, p. 36, grifo nosso).

“*Existem mais proporções que todo mundo acha naturalmente mais bonitas. Homens com o tronco em forma de triângulo são mais resistentes a vírus e bactérias. Eles podem dar filhos mais saudáveis, então seu corpo já parece mais saudável que outros no mercado de corpos (...). Mulheres de cintura fina e quadril largo têm filhos mais inteligentes (...). O instinto dos homens sabe disso, então eles ficam excitados só de ver uma proporção assim. E aí vale aquela regra da simetria: a cabeça extrapola isso e entende que “quanto mais fina a cintura e maior o quadril, melhor”. Pesquisas mostram que os homens gostam mais das que tem uma proporção de 70% ou menos*” (“*Par perfeito*”, nov/2008, p. 101, grifo nosso).

“*A queda de produção de colágeno, a proteína que dá firmeza e elasticidade à pele é marcante – principalmente para as mulheres. “Nosso corpo atinge o auge da produção de colágeno aos 25 anos. A partir dos 30, há uma perda discreta e progressiva”, afirma a dermatologista Ligia Kogos. Claro que o seu estilo de vida – o quanto você fumou, bebeu e tomou sol – faz diferença. Mas o fato é que menos colágeno significa pele mais fraca, mais fina, mais flácida. Em outras palavras: rugas, olheiras e celulite. Nos homens – que possuem mais colágeno e tem a pele mais grossa – as rugas podem demorar mais a aparecer. Já a careca... Aos 30, os genes ligados à calvície tiveram bastante tempo para se manifestar. E, se em ambos os sexos o cabelo começa a perder volume devido à dificuldade em se renovar, nos homens há uma agravante: a ação progressiva do*

hormônio masculino testosterona atrofia os folículos pilosos, bem na raiz dos fios, enfraquecendo-os e levando-os à queda” (“Engordar pecar sofrer”, set/2008 p. 88, grifo nosso).

Nesses fragmentos verificamos a valorização e desvalorização pelo discurso biológico de determinados aspectos estéticos dos corpos. Para os homens, sobressaem-se aqueles “*mais altos*” e “*com o tronco em forma de triângulo*”, “*já a careca*”, é um atributo indesejável para eles. Quanto às mulheres, atrai a atenção às “*de cintura fina e quadril largo*”, no entanto, as “*rugos, olheiras e celulite*” são intoleráveis para elas. As formas que são prestimosas pela ciência, têm seu valor justificado por argumentos naturais, dados “*à luz da evolução*”, seguindo uma lógica de que quanto mais atraente esteticamente, maior as chances de encontrar parceiros e se reproduzir.

Através desses elementos discursivos tacitamente vão se instituindo padrões em relação à estética dos corpos, generalizando-se preferências e preterições dos gostos. Esses padrões, normas corporais são engendrados com argumentos naturais em formas de “*regras da simetria*”. Para as mulheres vale a regra de procurar um parceiro que seja aparentemente sadio que possa “*dar filhos mais saudáveis*”, assim ela buscará “*homens mais altos*” e com “*o tronco em forma de triângulo*”, pois esse padrão sugere que eles “*são mais resistentes a vírus e bactérias*”, portanto mais saudáveis. Já para os homens, a “*regra da simetria*” os levaria a buscar “*mulheres de cintura fina e quadril largo*”, a justificativa seria que um corpo feminino com esse padrão poderia gerar “*filhos mais inteligentes*”, o que chega inclusive a ser tratado como um “*instinto dos homens*”.

Nesse sentido, no processo de fixação do padrão estético, o discurso biológico e midiático tem delineado e sugerido formas estéticas naturais, mantendo assim, determinadas identidades, pautando-as como normais, gerando uma corrida social para alcançar a medida **certa** do corpo (FISCHER, 2005). Contudo, a estética que “*todo mundo acha naturalmente mais bonitas*” não é dada pelo aparato biológico, mas sim por instâncias culturais, que elegem arbitrariamente um padrão como norma a partir do qual todas as “*proporções*”, formas, serão valoradas.

No entanto, pela lógica evolutiva, justificam-se cientificamente as preferências supostamente naturais de homens e mulheres ao escolher seus parceiros, como se os gostos, as predileções por padrões fossem inatas, por isso os discursos científicos anunciam pretensamente que “*descobriram*” um padrão desejável, preexistente e tão somente “*mostram*” aquilo que já foi dado. Contudo, essas descobertas quanto à estética dos corpos e quaisquer outras descrições, explicações são, antes de mais nada, interpretações, invenções que produzem realidade e não a “*mostram*” (SILVA, 2000).

Na perspectiva das condições de possibilidade, os discursos sobre saúde e beleza estão atrelados historicamente às regras de mercado, consumo e produção, conforme anuncia Foucault (2008, p. 57), “a saúde das populações tornou-se uma das normas econômicas requeridas pela sociedade industrial”. Dessa forma, o crescimento da “*indústria da beleza*” – fabricantes de cosméticos, produtos capilares, loções e cremes para pele, perfumaria, higiene pessoal, produtos farmacêuticos, medicamentos, etc. – tornou-se uma das condições de possibilidade para a emergência e prevalência de determinados discursos sobre a estética dos corpos. Estes discursos movimentam aquilo que a matéria chama de “*mercado de corpos*” pelo estabelecimento de padrões que devem ser perseguidos para alcançarem “*alta cotação*” neste mercado.

Neste entendimento, o padrão é produzido em relações de poder, e sua sinalização como **o normal** é tão fortemente carregada que todas as demais formas que não se encaixarem nela serão consideradas anormais, doentes, “são excluídos como não pertinentes

ao discurso, ou como irrelevantes e marginais, ou como não científicos” (FOUCAULT, 2008, p. 67; COSTA, 2005). Trazemos como exemplo desse efeito os seguintes enunciados:

“Se você não dá bola para os seus ‘pneuzinhos’, é melhor ficar esperto. Um estudo feito nos EUA mostrou que a gordura localizada aumenta em até 250% o risco de problemas mentais na velhice. Acredita-se que algumas substâncias liberadas pela gordura possam afetar o cérebro” (“Cuidado: barriga pode causar demência”, jun/2008, p. 22, grifo nosso).

Na matéria sobre o cuidado com a barriga, aqueles que não se mostram muito interessados ou não estão envolvidos, “*não dão bola*” na corrida pelo corpo padrão, são aconselhados, compelidos de que “*é melhor ficar esperto*” para os cuidados com o corpo. O alerta para esse cuidado é em relação aos “*pneuzinhos*”, uma espécie de “*gordura localizada*”, para que os indivíduos não sofram de “*problemas mentais na velhice*”. Esse alerta funciona como um “princípio de coerção” que o normal estabelece pela instauração de uma educação estandardizada do corpo (FOUCAULT, 2009, p. 176).

Nessa educação do corpo, estariam envolvidos, segundo Foucault (2008, p. 38), conhecimentos científicos sobre um “homem saudável” aliada a uma “definição do homem modelo”. Essa noção ancora-se na aparente evidência do corpo por si mesmo, ou seja, por ela passa-se a deduzir uma identidade por marcações biológicas (LOURO, 2000). Mas que corpo é este que pode ser educado, marcado? O corpo composto por matéria é literalmente um *locus* físico e concreto. Porém, essa matéria física não é inerte, fixa, mas sim uma superfície moldável, transformável, plástica, objeto de relações de poder-saber que constituem atitudes corporais e formas de sujeito, que sofre ações baseadas em diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Por quanto, se pode dizer que o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, que só é possível pelo caminho do corpo. (MENDES, 2006).

Assim, o corpo é um híbrido entre o biológico e o cultural, isto é, como um produto material e simbólico da cultura e da sociedade (SANTOS, 1997), ou como anuncia Foucault (2001, p. 9) “o corpo é o lugar de uma justaposição, de uma sucessão, de uma mistura de espécies diferentes”. Desta feita, os corpos são tanto naturais quanto fabricados, pois as ligações culturais e sociais vão sendo impressas nele, não de forma linear, porquanto o próprio corpo é investido pelas relações de poder (FOUCAULT, 2008a). Em suma:

O corpo é entendido como um construto social e cultural e, como tal, ele é alvo de diferentes e múltiplos discursos. É por meio destes múltiplos discursos que marcas/símbolos culturais são inscritos nos corpos e funcionam como um modo de agrupar, ordenar, qualificar, diferenciar, etc. Quem pertence ou não a certas classificações de corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros (ANDRADE, 2004, p. 110).

Partindo deste entendimento, é importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, pois o corpo tem sido objeto e alvo do poder (BUTLER, 2000). Grande atenção é dedicada ao corpo uma vez que ele tem sido objeto do saber, através do qual se produz um “corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, que responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2009, p.132). Assim o saber fisiológico e orgânico sobre o corpo, a partir de um poder, tornou possível engendr-lo.

O saber médico é quem opera e requer esses conhecimentos para gerir a existência humana, fazendo dos corpos objetos de saber; um saber que não se trata somente da ciência de seu funcionamento, mas constitui um saber e um controle que Foucault chama de “tecnologia política do corpo” e de “corpo político” (FOUCAULT, 2009, p. 29,31). A partir disso, a medicina “toma uma postura normativa que não a autoriza apenas a distribuir conselhos de vida equilibrada, mas a reger as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade em que vive” (FOUCAULT, 2001, p. 38). É partindo desta compreensão que não

consideramos os discursos científicos/médicos de alerta para “*ficar esperto*” nos cuidados com o corpo, um discurso neutro, isento de relações de poder.

Nessa mesma direção, o poder sobre o corpo não se exerce somente com violência, dominação, força, se assim fosse ele seria muito frágil, mas ele age sobretudo numa estratégia e trabalho insistente, obstinado, meticuloso, através do apelo ao desejo dos indivíduos. Nisso consiste a força do poder, ao produzir efeitos positivos em nível do desejo e também em nível do saber (FOUCAULT, 2008a). Segundo Foucault, o poder que investe no corpo não é mais na forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação, que tacitamente diz: "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!" (FOUCAULT, 2008a, p. 147). É nessa perspectiva que situamos a seguinte matéria:

“Mas o melhor é não desistir da ginástica, porque você terá muito mais facilidade para engordar. A partir da 3ª década de vida, há um declínio na produção de derivados de hormônios masculinos, que ajudam na fabricação dos músculos” (“Engordar pecar sofrer”, set/2008 p. 88, grifo nosso).

Por esse tipo de apelo somos exortados à vigilância de nosso corpo contra toda a onda de riscos à saúde que nos são postos. Riscos, principalmente ligados ao nosso estilo de vida. Somos impelidos, interpelados a enfrentar esses riscos. É por meio desse apelo à vontade, nos aconselhamentos sobre ser melhor, “*não desistir da ginástica*” para não gerar “*facilidade para engordar*”, que somos ensinados cotidianamente por uma “pedagogia do medo”, que situações/práticas/pessoas/coisas devemos temer, que riscos podem (e devem) ser evitados, o que devemos fazer para minimizá-los, em quais instituições e especialistas devemos confiar.

Não só pela pedagogia do medo, do risco, mas uma vez que a ciência deixa postos os gostos e as preferências de homens e mulheres em relação às “*proporções*” que serão anunciadas como aquelas que “*todo mundo acha naturalmente mais bonitas*”, haverá um efeito incitativo no investimento para alcançar o corpo padrão através de: “ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo (...). O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...” (FOUCAULT, 2008a, p. 146).

Apesar da aparente autonomia que temos sobre nosso corpo, o poder incide sobre ele de modo que há estratégias de incitação, visibilidade, identificação, valorização de formas estéticas, numa suposta necessidade de transformar o corpo em um outro, que seja melhor, mais belo. Nosso corpo é representado várias vezes como nosso inimigo, sujeito ao envelhecimento (aspecto negatizado e que deve ser evitado a todo custo, segundo a matéria), à doença, à perda das capacidades cognitivas, à feiúra, à morte, e por vezes como nosso maior aliado, como fonte de cura, prazer, realização (RIPOLL, 2008). Assim, ao mesmo tempo em que vão sendo produzidos e explorados os defeitos, imperfeições, anormalidades de nossos corpos, como os “*pneuzinhos*”, também são anunciados os cuidados, o zelo e os procedimentos **necessários** para alcançar saúde, beleza e bem-estar.

Por esse viés, especialistas das mais diversas áreas, associados à promoção da saúde, dizem os modos como devemos nos comportar em relação ao nosso corpo, o que vestir, como andar, o que comer e se relacionar com o mundo, enfim, como ser, subjetivando os indivíduos. Esses discursos são anunciados através das mais variadas estratégias, pela inscrição de normas, diretrizes e orientações que provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade, como o da medicina ou da ciência. Eles interpelam-nos, ensinam-nos, constantemente, em palavras de ordem, imperativos sobre saúde, dizendo-nos pela diferenciação e reconhecimento do que é normal, adequado e sadio, bom e belo, o que preferir e o que recusar, produzindo nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver.

Os discursos sobre a estética dos corpos como, por exemplo, “*melhor é não desistir da ginástica*”, movimentam uma verdadeira indústria do corpo (academias, moda esportiva, alimentos dietéticos, cosméticos, intervenções cirúrgicas, etc.), com estratégias de publicidade que tem por objetivo produzir consumidores ao transformar o corpo em um artefato do mercado econômico-social-cultural (ANDRADE, 2004). Resta-nos perguntar, ao pensar na produção estética dos corpos, “qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa?” (FOUCAULT, 2008a, p. 147).

Esse tratamento biológico institui o que é “verdadeiro” sobre o corpo, padroniza, normaliza formas de ser universais de modo que as pessoas que não se encaixam no padrão estético do corpo são classificadas e agrupadas de acordo com a hierarquização que decorre do padrão (gordos/as, magros/as, altos/as, baixos/as, brancos/as, negros/as). Assim, a estética dos corpos é tomada como referência para situar e definir as pessoas a partir de esquemas de enquadramentos que ora as inclui, ora as exclui de categorias sociais. Desse modo, as pessoas que vivem identidades cientificamente menos prestigiadas, sofrem todo tipo de preconceitos, sanções dos demais para serem socialmente aceitas, o que é claramente observável na cultura escolar, através dos apelidos que lhes são atribuídos.

O fato de esses efeitos classificatórios serem fortemente vividos no âmbito escolar, convidam-nos como professores de ciências a analisar os processos de subjetivação que nos atravessam, constituem e convocam a um tipo de vida, de relação conosco, com o outro, com o mundo. Insta-nos a pensar nossas práticas em contrapelo a essas noções normalizadoras quando falamos sobre o corpo e principalmente sobre a estética do corpo. A padronização exclui outras visões, gera silenciamento das diferenças culturais, que estão presentes na vida dos estudantes, em outras instâncias culturais que falam sobre o corpo e ditam padrões estéticos acerca dele, como a mídia.

Conclusão

Ao discutir sobre a estética dos corpos importa exercitar a dúvida sobre a abordagem que predomina nos currículos escolares dada a partir da lógica verdadeira e universal da ciência de um organismo puramente biológico, quase sempre seccionado, estável, padrão, atemporal, ahistórico, funcionalista, assexuado, natural e ao mesmo tempo deslocado do ambiente; tratado como se fosse isento de qualquer construção discursiva. No entanto, consideramos que o corpo é uma questão política, pois as identidades são instituídas pelas formações discursivas, construídas em relações de poder desiguais, no interior de conflitos por interesses divergentes e concorrentes, que põem em jogo a produção e fixação de diferenças, classificações, padrões, generalizações, que enclausuram as coisas, as pessoas, a vida. Nesta direção, consideramos que compreender os profundos efeitos que a mídia tem como dispositivo pedagógico é um dos desafios que se coloca aos professores. O que se traduz em problematizar aquilo que é tido como certo, como natural em relação aos corpos pelos discursos biológicos que nos são “vendidos” como a realidade pelas revistas científicas.

Referências:

ANDRADE, S. S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, D. E; SOARES, R. F. R (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004, pp. 107-120.

BESSA, M. Engordar pecar sofrer. **Superinteressante**. São Paulo. Ed. 256, set, n. 9, p. 86-91, 2008.

- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp, 151-170.
- COSTA, M. V. Currículo e Política Cultural. In: _____. (org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 37-68.
- FISCHER, R. M. B. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, 2005.
- FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp, 07-34.
- MENDES, L. C. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, n. 39, p. 167-181, 2006.
- REZENDE, R. Cuidado: barriga pode causar demência. **Superinteressante**. São Paulo. Ed. 253, jun, n. 6, p. 22, 2008.
- RIPOLL, D. O currículo midiático, a pedagogização cotidiana do medo e o ensino de ciências: algumas reflexões e (des)construções contemporâneas. In: **Anais do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Porto Alegre, 2008.
- SANTOS, L. H. S. Incorporando outras representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, D. L. (org.) **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- SGARIONI, M; NARLOCH, L. O que faz de você você? **Superinteressante**. São Paulo. Ed. 248, jan, n. 1, p. 48-56, 2008
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.
- _____. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- VERSIGNASSI, A. WEINGRILL, N. Par perfeito. **Superinteressante**. São Paulo. Ed. 258, nov, n. 11, p. 98-103, 2008.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.